



## Lexicografia da palavra Caboclo<sup>1</sup>

Alexandre Borges CAVALCANTE<sup>2</sup>  
Anna Charlotte Coelho Reis de SOUZA<sup>3</sup>  
Lauana SENTO SÉ<sup>4</sup>  
Cosme Batista dos SANTOS<sup>5</sup>

Universidade do Estado da Bahia, UNEB

### RESUMO

O universo lexical do semiárido baiano é bastante diversificado, incluindo o acervo linguístico de diferentes comunidades, entre elas: indígena, quilombola e sertaneja. Esse artigo pretende desconstruir as definições estereotipadas que muitas vezes são trazidas nos dicionários de língua portuguesa. Em específico, o presente trabalho traz como recorte a palavra caboclo, que transita entre os três universos lexicais apresentados, mas com sentidos diferentes. A pesquisa é qualitativa e realiza análises intertextuais do verbete caboclo inserido em cada um dos contextos em que faz parte e com inúmeras observações no que diz respeito à ausência de sentidos aliados a aspectos culturais de cada comunidade onde a palavra é utilizada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lexicografia, Sertão, Quilombos, Indígenas, Sertanejos

### 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo decorre de um projeto de pesquisa alicerçado na identificação e obtenção de verbetes característicos presentes nas comunidades linguísticas da região do Vale do São Francisco e proximidades, como as remanescentes de quilombos e indígenas e também em palavras catalogadas a partir da literatura regional – especificamente o livro *Vozes do Mato*, de Esmeraldo Lopes. A mesma justifica-se pela sua relevância temática e pelo ineditismo na região.

Pretende-se, assim, identificar não apenas os verbetes em si, mas a carga de significado contida nos mesmos. Para isso, a metodologia utilizada é a de coleta dos mesmos por entrevistas orais, gravadas e transcritas, seguindo-se a identificação, a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares de Comunicação do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Uneb; email: [alexandre.bcavalcante@gmail.com](mailto:alexandre.bcavalcante@gmail.com)

<sup>3</sup> Licenciada em Letras pela Universidade de Pernambuco e estudante de Graduação no 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Uneb, email: [annacharlotte.88@gmail.com](mailto:annacharlotte.88@gmail.com)

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da Uneb email: [lauanase@hotmail.com](mailto:lauanase@hotmail.com)

<sup>5</sup> Professor orientador do trabalho. Email: [cosmebs.santos@gmail.com](mailto:cosmebs.santos@gmail.com)



catalogação em uma tabela específica e a posterior análise dos dados, com base no referencial teórico da pesquisa (que será destrinchado a seguir) – Perez (2000), Calvet (2002), Bagno (2011), Alves (2011), entre outros estudiosos da área de etnolexicografia.

O artigo foi estruturado da seguinte forma: Referencial Teórico, onde se encontram dissecados os conceitos de lexicografia cultural, identidade linguística e comunidades linguísticas, tão importantes à pesquisa. A Metodologia e análise de dados com os resultados alcançados, trazendo a descrição do verbete *caboclo* nos três contextos apresentados.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### *2.1 Lexicografia Cultural*

A comunicação é intrínseca ao homem e de extrema importância para a sobrevivência do ser humano. Desde os primórdios que os chamados “homens da caverna” perceberam essa necessidade de se comunicar e as sociedades o vem fazendo desde então. Por isso que o estudo da língua e das palavras cada vez mais está sendo trabalhado para a compreensão cultural dos diversos povos existentes no mundo. Aqui no Brasil, um país miscigenado por tantas etnias, raças e culturas, esse estudo se torna interessante.

Uma das ciências que estuda o léxico é a lexicografia, e ela está ligada diretamente a elaboração de dicionários e, também, ao estudo dos mesmos, já que, o dicionário é um detentor de particularidades e, enxergado à luz da ciência pode ter seus horizontes expandidos (Pérez, 2000). Segundo Krieger (2011), nos últimos anos, a produção dos dicionários ganhou uma nova roupagem, acrescentando quase sempre glossários com termos técnicos ou científicos, reconhecendo, dessa forma, a etnolexicografia do dicionário ao expandir o olhar para além do burocratismo clássico. Dessa maneira, novos estudos também ganham força e a criação de dicionários próprios para determinadas variações linguísticas deixa de ser algo visto como absurdo para se tornar algo real e palpável.



Dentro desses estudos encontra-se o conceito de Lexicultura, que mais se adéqua a essa realidade múltipla que se encontra na região nordeste, especificamente no sertão, que é a união entre o léxico e a cultura, que compreende a cultura de um grupo ou local, através das palavras, a cultura entrelaçada ao falar e entender de um grupo.

Barbosa (2009) trabalha esse conceito e defende a importância de se estudar as palavras para além dos signos e traduzir as concepções culturais para a compreensão real delas, além do dicionário, e que se entenda o léxico na emissão e na compreensão de significados, afinal a ele está ligado, aspectos “cognitivos, sociais e culturais de uma língua”.

Por este motivo, as palavras trazem em si uma carga cultural muito grande que reflete diretamente na identidade cultural de uma sociedade através da língua, essas concepções culturais das palavras são compartilhadas dentro de uma sociedade. Nisso está configurado o conceito de lexicologia que “parte do estudo do vocabulário para explicar uma sociedade, ou seja, ela é uma disciplina sociológica que utiliza, como material linguístico, as palavras” (BARBOSA, 2009, p. 32).

Mas o fato de algumas palavras serem polissêmicas e possuírem cargas culturais maiores que outras, e muitas vezes no momento de se aprender uma língua estrangeira, por exemplo, nem sempre o significado será acessível a falantes estrangeiros, aí surge o conceito principal de lexicultura.

“A lexicultura mostra-nos a singularidade e a diversidade dos lugares onde a cultura pode ser encontrada em uma língua, pois, sabemos que o léxico é o nível de descrição linguística mais diretamente ligado à realidade extralinguística” (BARBOSA, 2009, p. 33). Esse termo vem da união das palavras léxico e cultura, a primeira que nos remete ao conjunto de palavras de uma língua, e a segunda, “conjunto de manifestações por meio das quais se expressa o cotidiano de um povo” (BARBOSA, 2009, p. 33). Ao fazer o estudo no léxico e pelo léxico, o aprendente em outra língua compreende melhor seu significado além de conseguir alcançar a cultura por trás das palavras.

Nem todas as palavras possuem um significado além daquele disponibilizado nos dicionários, mas as que possuem são chamadas de *palavra com carga cultural compartilhada (CCC ou CCP)*. Que consiste no valor acrescentado ao léxico, “que é conhecido e compartilhado entre os membros pertencentes a uma cultura e constitui



fator de aproximação e de reconhecimento mútuo” (BARBOSA, 2009, p. 34). Palavras que pertencem ao patrimônio coletivo, muitas delas são mobilizadas mais pelo significado do que pelo significado do signo. O que importa nesse estudo é em como o signo evoca esse dado cultural e coletivo, e ir além do significado. Essas palavras podem evocar imagens, produtos, lugares, costumes, crenças, superstições e até mesmo comportamentos e regras de conduta.

## 2.2 *Comunidades Linguísticas*

Faz-se um percurso, aqui, pelos escritos de Calvet (2002) a respeito de “comunidade linguística”. Diz o autor que “o conceito de comunidade linguística é tão antigo quanto o conceito da própria linguística.” De início, ele pontua algumas definições:

Para Leonard Bloomfield, comunidade linguística seria um grupo de pessoas ligadas pelo mesmo discurso ideológico, sempre chamando atenção ao fato de que, mesmo assim, podem haver desentendimentos dentro de uma mesma comunidade. (Calvet, 2002)

Já André Martinet, é mais amplo ao definir que para que se estabeleça uma determinada comunidade linguística, é preciso apenas o sucesso no estabelecimento da comunicação entre os membros. William Labov, expande esse conceito ao afirmar que não adianta apenas que a mesma língua seja falada e compreendida para que se tenha uma comunidade, mas que as ideologias também estejam em consonância (Calvet, 2002).

Em todos os casos, contudo, há um denominador comum: *É preciso que a língua falada seja compreensível a todos.* A partir daí, Calvet (2002) tece suas considerações. Primeiro, Calvet (2002) renega o conceito errôneo de que é preciso, para uma comunidade linguística, que a língua falada INICIALMENTE seja a mesma. Como exemplo, ele traz alguns guetos de Nova York, que mudaram sua língua com o passar dos anos e nem assim deixaram de fazer parte de uma comunidade. Em seguida, ele se questiona se é possível uma determinada pessoa fazer parte de duas ou mais



comunidades ao mesmo tempo, levando-se em conta de que o conceito de comunidade passa pelo da compreensão da língua.

Pergunta-se, assim, se, neste caso, basta apenas desejar para se fazer parte de uma comunidade.

Como exemplo, Calvet (2002) traz um cidadão senegalês, que teria uma primeira língua materna, uma segunda língua, a de sua localidade, e uma terceira, a oficial de seu país. Estaria ele, então, em três comunidades? Calvet, a partir daí, diz que o cidadão pode fazer parte de uma ou mais comunidades linguísticas, mas a depender do momento atual de sua vida. Percebe-se, assim, que o que define este conceito, em primeira instância, não é a língua, mas a realidade social.

Com essa consideração, Calvet (2002) conclui que:

(...) o objeto de estudo da linguística não é apenas a língua ou as línguas, mas a comunidade social sob seu aspecto linguístico. Segundo esse ponto de vista, não há mais possibilidade de distinguir sociolinguística e linguística, e ainda menos, entre sociolinguística e sociologia da linguagem (CALVET, 2002, p. 143).

### *2.3 Identidade Linguística*

Retomando o conceito de lexicultura, entende-se como a soma do léxico com o contexto cultural, ou seja, quaisquer realidades sociais têm seu determinado acervo lexicultural. A importância desse acervo é o que muitos dicionários padrões da língua ainda não perceberam, uma vez que utilizam definições limitadas e distantes de muitas dessas realidades. “O léxico nos auxilia a compreender e a explicar a sociedade da qual fazemos parte ou à qual pretendemos ou queremos aceder” (BARBOSA, 2009).

Com isso, cada comunidade linguística (Calvet, 2002), formada por determinado grupo social, seja ele composto por uma quantidade grande ou pequena de pessoas sente a necessidade de se identificar com o seu acervo léxico. Por isso, tantas palavras ganham vários sentidos ao longo do tempo e se reinventam constantemente.



Dessa forma, é que se constituem as várias representações sociais por meio da linguagem. “É que a representação comanda o modo de ser da linguagem, dos indivíduos, da natureza e da própria necessidade” (FOUCAULT, 1999).

A compreensão do que está por trás de todo léxico é basicamente o que vai além da palavra, o que transcende o seu sentido denotado. Por meio dessa compreensão é que, tanto povos não nativos de determinada língua, como também falantes que não fazem parte do mesmo contexto podem passar a compreender melhor determinadas palavras.

Se levarmos em conta que o léxico não é transparente e nem unívoco, mas opaco e polissêmico, o seu uso mostra, aos poucos, ao aprendente de uma língua estrangeira, as possibilidades de utilização de uma mesma palavra, por exemplo, no sentido denotativo ou conotativo (BARBOSA, 2009).

Ao falar determinada língua, uma comunidade engloba todo um saber cultural passado de gerações em gerações. As palavras têm sua força e representatividade local e por isso são tão importantes quando estudadas respeitando essas particularidades. “As características específicas de cada língua podem ser consideradas o reflexo da identidade cultural da sociedade” (BARBOSA, 2009).

A mesma língua pode ser falada em várias localidades diferentes e distantes umas das outras, por exemplo, mas em cada um desses ambientes apresenta suas características específicas. Segundo Calvet (2002), as abordagens podem ser micro ou macro, a depender do universo que abrangem. Quando se trata, por exemplo, de estudar uma língua falada por um país inteiro é considerada uma abordagem *macro*, quando se estuda a mesma língua em determinada vila ou aldeia, têm-se uma abordagem *micro*.

O que diferencia em cada uma dessas abordagens é como a influência cultural se reflete em cada uma delas. Nos ambientes, considerados *macro* é mais comum que essas influências se percam, justamente pela grande variedade mistura de outras culturas. Já quando se faz um estudo de uma realidade menor, percebe-se que a presença de elementos peculiares da cultura de comunidade, em que a língua está inserida são mais marcantes.



O que é mais importante em todo esse estudo é perceber o quão importante é o estudo da cultura para a compreensão lingüística. Por muito tempo, a língua portuguesa foi estudada como uma disciplina a parte, basicamente a gramática de forma isolada, mas hoje, o que se percebe é uma grande necessidade de se adentrar nas variadas realidades culturais para que se compreenda efetivamente uma língua.

### **3. METODOLOGIA**

A pesquisa é qualitativa e realiza análises intertextuais do verbete *caboclo* inserido em cada uma das realidades de que fazem parte e por fim faz uma comparação com o verbete no dicionário Aurélio.

A palavra *caboclo*, objeto de estudo desse trabalho, foi retirada de três contextos diferentes onde é falada. Dentro da comunidade indígena dos povos Kiriri, levantada a partir de narrativas orais escritas. Nas narrativas orais das comunidades quilombolas e por fim, do contexto do homem sertanejo, retirada da obra *Vozes do Mato* de Esmeraldo Lopes, que retrata bem essa realidade e engloba um universo maior, formado pelos dois anteriores e também por outros.

Dessa forma, o referencial teórico utilizado ao longo do trabalho também foi importante para que se pudesse compreender de que forma e onde essas palavras surgem e que influência isso tem nas suas maneiras de utilizar. O conceito de comunidades lingüísticas, lexicultura e etonolexicografia também foram de extrema importância para maior embasamento e compreensão dos *corpora* analisados ao longo da pesquisa.

### **4. ANÁLISE**

#### *4.1 Caboclo na comunidade quilombola*

Coroa (2011) chama atenção para o contexto em que cada palavra é usada, classificando-o como fator determinante para a construção e entendimento do significado. Segundo os dicionários ditos oficiais, *caboclo* diz respeito ao que nasce de



um relacionamento entre um branco e um índio; o dito mestiço. Contudo, na prática do dia-a-dia do homem sertanejo, a palavra pode adquirir muitos outros significados. Pode ser um pronome de tratamento (“Lá vem o caboclo”), um sinônimo para homem (“ali, olha o caboclo”) e, para as religiões afro-brasileiras e os remanescentes de quilombos, o espírito que se manifesta durante as expressões religiosas e, às vezes, até apodera-se dos corpos.

Caboclo, assim, para estes povos, é como um espírito desencarnado geralmente de um índio, que aparece àquelas pessoas que se mostram sensitivas e propensas a recebê-los. A intenção do caboclo nunca é de assustar as pessoas durante a manifestação, mas sim servir como um guia, respondendo dúvidas, tirando conselhos e, mais do que tudo, celebrando aquele momento tão marcante e feliz para os povos que ali o celebram.

Estes caboclos possuem as mais diversas virtudes e qualidades e demonstram-se determinados, leais e honestos e seguem os preceitos básicos como amar ao próximo e caridade. Os caboclos não precisam ser necessariamente espíritos de índios e, muitas vezes, podem ser outras entidades.

#### 4.2 *Caboclo na comunidade indígena (índios kiriri)*

Caboclo é um dos verbetes que faz parte do acervo do conhecido dicionário Aurélio, o que não significa que o mesmo consegue dar conta da verdadeira e abrangente significação da palavra. Segundo o dicionário, a definição mais atual que se têm da palavra é:

“*SM Bras.* 1. Mestiço de branco com índio, cariboca caburé. 2. Antiga designação do indígena. 3. V. caipira (1). *Adj.* 4. *Diz-se de caboclo*”(AURÉLIO).

Percebe-se na definição, uma limitação conceitual, o que acaba por deixar vago para quem não é nativo do português, por exemplo. Mas será que existe um dicionário que consegue abranger toda gama de significação que uma palavra pode ter?

Analisando as definições acima, não é possível se chegar a uma compreensão mais abrangente do universo cultural da palavra, que acaba por torná-la vazia e





incompleta em meio a tantos fatores culturais. A adjetivação do verbete (Diz-se de caboclo), por exemplo, pouco explica, ou melhor, nada explica. Para quem já sabe e quer acrescentar informações novas ao sentido da palavra, pouco ganha com a definição e para quem já sabe algo, nada novo é acrescido.

Analisando por outro lado, dentro da perspectiva lexicultural indígena, *caboclo* é uma palavra utilizada para designar qualquer pessoa que vive na aldeia, uma espécie de pronome de tratamento. “O caboclo se escondeu atrás da macambira”. Nesse exemplo, a palavra apenas refere-se a um dos indivíduos que vive na aldeia.

Antigamente, *caboclo* era referencia às pessoas que nasciam da mistura de europeus com índios. O individuo caboclo surge da consciência dos próprios da sua existência na época do Brasil colonial. Essa categorização, imposta pelas classes mais favorecidas da população fez com que o termo se estabelecesse de forma negativa sobre os indivíduos miscigenados, principalmente porque era utilizado como negação da presença indígena em terras brasileiras.

A análise pode mostrar que um universo lexical pode ser restrito ou abrangente, a depender das definições que recebe. É o caso do verbete *caboclo*, no dicionário Aurélio, que ao mesmo tempo em que tenta atribuir sentido, perde grande parte da sua carga cultural, o que o torna distante de quem o fala e para quem não faz parte da comunidade indígena e precisa saber, somente a convivência é que vai explicar de fato o sentido da palavra.

#### 4.3 *Caboclo para o homem do sertão*

O verbete caboclo para o sertanejo tem um pouco das duas definições referidas acima, mas se trazer à tona com mais frequência o sentido do indígena. A palavra caboclo-do-mato, se refere a espíritos de índios que viviam no mato e não vivem mais.

Como uma assombração que os sertanejos temem, por acreditarem que esses espíritos quando na terra viveram, viviam como bichos e eram muito brabos, mas ao mesmo tempo eram muito astutos e entendiam muito sobre o mato. “Menino, menino, caboclo brabo tem alma no mato. O mato é do caboclo brabo!” (LOPES, p. 31). Essas histórias surgiam principalmente nos locais que sabiam já ter havido uma tribo indígena.



Outra palavra que aparece no falar do sertanejo que tem origem no “caboclo”, é o “acaboclado”, que significa uma pessoa que tem origem indígena: “Esse cabra tem jeito acaboclado. Beiço grosso, olho aceso, tem jeito de manso mas é desconfiado. Êta cabra, danado!”

## 5. CONCLUSÃO

O contexto linguístico é um poderoso fator de aprendizado do léxico e a memória presente na língua falada de uma determinada comunidade linguística, além de reavivar a cultura de determinado grupo, sendo o léxico também um fator essencial para se explicar e entender a sociedade.

Ao final deste trabalho, nota-se que ainda há muito que se explorar dentro dessa perspectiva e, principalmente, muito a se reconstruir, por meio da etnolexicografia e lexicografia cultural.

Ao estudar o significado do verbete “caboclo” em cada grupo específico, percebe-se o quanto ainda tem-se a aprender e diversificar a respeito desse conhecimento, principalmente com um olhar diferenciado sobre as diversas culturas existentes no Brasil.

A linguagem, que é o que utilizamos para nos comunicar, seja oralmente, escrito ou com através de gestos, é um importante meio de estudo da cultura e da comunicação e também personagem central na reconstrução da memória e da história destes ditos povos. Dessa maneira, entende-se, portanto, a importância desse tipo de estudo para reconstrução histórica e linguística do nosso país.

## 6. REFERÊNCIAS

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo e dicionários escolares.** In *Dicionários Escolares: políticas, formas e uso*. Org: BAGNO, Marcos e CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia. Editora Parábola, São Paulo, 2011.



BAGNO, Marcos. **Dicionários, variações linguística e ensino.** In *Dicionários Escolares: políticas, formas e uso*. Org: BAGNO, Marcos e CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia. Editora Parábola, São Paulo, 2011.

BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino-aprendizagem de português língua estrangeira. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59812>. Acesso em setembro de 2013.

BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção. Figurações identitárias e culturais do Brasil em letras de canções sob a perspectiva de falantes de outras línguas. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural*. Alagoinhas, Universidade do Estado da Bahia, 2012. Disponível em: <http://www.poscritica.uneb.br/revistaponti/arquivos/volume2-n2/12.FIGURACOES-%20IDENTITARIAS-E-CULTURAIIS%20-vol2-n2.pdf>. Acesso em novembro de 2013.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: Uma introdução crítica.** Parábola, São Paulo, 2002.

COROA, Maria Luiza. **Pra que serve um dicionário.** In *Dicionários Escolares: políticas, formas e uso*. Org: BAGNO, Marcos e CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia. Editora Parábola, São Paulo, 2011;

FOCAULT, Michel. **As palavras e as coisas:** Uma arqueologia das ciências humanas. Paulo Marins. Trad. 8<sup>a</sup> Ed. São Paulo, 1999.

GONÇALVES, Esmeraldo Lopes. **Vozes do Mato.** Juazeiro, 1992.

KRIEGER, Maria da Graça. **Termos Técnicos-Científicos em Minidicionários: Problemas de inclusão e de definição.** In *Dicionários Escolares: políticas, formas e uso*. Org: BAGNO, Marcos e CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia. Editora Parábola, São Paulo, 2011.

MELO, Adriana Ferreira de. **Sertões do mundo, uma epistemologia.** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

MELO, Adriana Ferreira de. Imagens do Sertão em Grande Sertão: Veredas. In: \_\_\_\_\_. **O Lugar-Sertão: grafias e resuras.** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006, cap. 3, p. 86-121.

MOREIRA, Elisabet Gonçalves. **Samba-de-Véio da Ilha do Massangano em Petrolina, PE: No ritmo do espetáculo.** In: [http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/micro\\_343\\_-\\_samba\\_de\\_veio.pdf](http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/micro_343_-_samba_de_veio.pdf)

NUNES, Patrícia Vieira. **Aquisição lexical e uso do dicionário escolar em sala de aula.** In *Dicionários Escolares: políticas, formas e uso*. Org: BAGNO, Marcos e CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia. Editora Parábola, São Paulo, 2011



PÉREZ, Francisco Javier. **Diccionários: discursos etnográficos, universos léxicos. Propuestas teóricas para la comprensión cultural de los diccionários.** Publications UCAB, Caracas, 2000.

QUEIROZ, Sônia. **Pé preto no Barro Branco: A língua dos negros da Tabatinga.** Editora UFMG, Belo Horizonte, 1998.